

A Vida do Padre Cruz

Do catálogo da EDITORIAL A.O.

Pequenos Passos Possíveis – *Chiara Corbella Petrillo: a Palavra às Testemunhas*

AA.VV.

P. Fernando Leite – *Memórias de um Secretário*

Alberto Pinheiro

Viver Deus na Alegria – *Claire de Castelbajac*

Lauret

O Segredo do Rei Balduino (3ª ed.)

Cardeal Suenens

A Vida do Irmão Roger – *Fundador de Taizé*

Kathryn Spink

Gonçalo Miller Guerra, S.J.

A Vida do Padre Cruz



EDITORIAL A.O.

Capa
Francisca Cardoso

Paginação
Editorial A. O.

Impressão e Acabamentos
Tadinense, Artes Gráficas

Depósito Legal nº
??????????

ISBN
978-972-39-0867-1

Fevereiro de 2019

Com todas as licenças necessárias

©
SECRETARIADO NACIONAL DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO
Rua S. Barnabé, 32 – 4710-309 BRAGA | Tel.: 253 689 440
www.redemundialdeoracaodopapa.pt | livros@snao.pt

Introdução

Porquê publicar uma biografia, ainda que breve, do Padre Cruz? Porque muitos portugueses – mesmo católicos – nada sabem sobre a vida deste sacerdote português, membro da Companhia de Jesus, que, tendo nascido no século XIX, morreu no século passado, com fama de santo. Se foi ou não santo, a seu tempo a Igreja o dirá. Mas foi, sem dúvida, um dos sacerdotes portugueses mais populares do seu tempo, cuja devoção convém reavivar. É para isto mesmo que vamos expor ao leitor a vida do Padre Cruz: para reavivarmos a devoção a tão insigne sacerdote.



1

Primeiros passos

O Padre Cruz nasceu Francisco Rodrigues da Cruz, a 29 de julho de 1859, e faleceu a 1 de outubro de 1948. Foi ordenado sacerdote a 3 de junho de 1882 e entrou na Companhia de Jesus a 3 de dezembro de 1940.

Era filho de Manuel da Cruz e de Catarina de Oliveira Cruz, tendo nascido em Alcochete. Foi batizado em casa, com carácter de urgência, por estar muito doente, tendo esta cerimónia sido completada com o que não tinha sido feito em casa, no dia 25 de fevereiro do ano seguinte, tendo sido seus padrinhos Nossa Senhora e D. Francisco Pereira Coutinho.

Seu pai, bom cristão, gabava-se de na sua casa nunca ter sido pregado um prego ao

domingo¹. Além disso, a festa da Senhora da Atalaia era, todos os anos, realizada a expensas suas e ofereceu à igreja da paróquia uma imagem do Sagrado Coração de Jesus.

A mãe esforçava-se por dar aos filhos uma educação conforme mandava a Santa Madre Igreja. Sabe-se que, por exemplo, em dia de Sexta Feira Santa os filhos só comiam pão e figos.

Francisco viria a ser um rapaz como os outros, «vivo, ativo, sensível e bondoso»². Costumava caçar pardais no grande laranjal da quinta do pai. Por infelicidade, ao caçar, cegou um primo, pelo que, mais tarde, havia de lhe pagar os estudos e rodeá-lo de muitos cuidados, como uma espécie de reparação pelo que tinha feito.

Aos 9 anos, Francisco partiu para Lisboa na companhia de seu irmão Manuel, o

¹ Cf. Maria Joana Mendes Leal – *O «Santo» Padre Cruz*. Braga: Editorial A.O., 2003⁸, pág. 19.

² *Idem*, pág. 24.

mais velho, tendo frequentando o Colégio Europeu, o Instituto Maiense e o Instituto Industrial. Em Lisboa, continuava a frequentar a missa dominical.

Terminado o ensino secundário, o pai perguntou ao jovem Francisco o que queria seguir. Francisco disse ao pai que faria a vontade deste. Mas o pai bem sabia o que lhe ia na alma. Desde há muito que Francisco desejava abraçar o sacerdócio, a tal ponto que os colegas o tratavam (às vezes) por Padre Francisco. Além disso, também era essa a vontade do pai.

Coimbra e Santarém

Francisco rumou pois a Coimbra, para frequentar a Faculdade de Teologia. Instalou-se numa República, tendo por companheiros: Alves da Hora, futuro lente de Teologia, Correia e Sá, que foi cónego da

Sé do Porto; e três rapazes de apelido Maia, que foram párocos de freguesias da diocese de Coimbra. O pai mandava-lhe uma mesada de seis mil reis, importância generosa³.

Durante os três primeiros anos, confessou-se e comungou só uma vez por ano, hábito que já vinha de trás. Mas aos 20 anos entrou numa Congregação Mariana. Nesta congregação, as dignidades (direção) eram as seguintes: Rev. Dr. António Sebastião Valente – diretor; Manuel Moreira Aranha Furtado de Mendonça – 2.º assistente: João Paulino de Azevedo e Castro – secretário; José Pires Antunes – tesoureiro; João Joaquim Pinto, Bernardo Moreira Aranha Furtado de Mendonça, Manuel Fernandes da Silva Campos, Alfredo Elviro dos Santos e João Pedro Peixoto – consultores.

Marcada com ferro em brasa ficou, na sua vida, a confissão geral que fez no Natal

³ Cf. *Idem*, pág. 26.

deste ano. Escreveria muitos anos mais tarde que, depois dessa confissão geral, nunca mais tinha ofendido a Deus gravemente.

O primeiro chamamento à Companhia de Jesus sentiu-o, o nosso amigo Francisco, nuns Exercícios Espirituais de dez dias, ao sair de Coimbra.

Desta cidade rumou ao seminário de Santarém, para lecionar Filosofia, tendo recebido a ordem de subdiácono a 17 de dezembro de 1881 e a ordem de diácono a 25 de março de 1882. Foi ordenado sacerdote a 3 de junho desse ano, apesar das dúvidas que se punham sobre a sua capacidade física de aguentar o tempo de uma cerimónia tão longa quanto a da ordenação. Com efeito, os médicos tinham diagnosticado uma necrose encefálica, doença grave que muito o debilitava⁴.

⁴ Cf. *Idem*, pág. 33.

O (já) Padre Cruz saiu do Seminário para o Colégio dos Órfãos, em Braga, em 1886, porque a sua saúde se ressentia das exigências da lecionação.

Braga

No Colégio dos Órfãos, o Padre Cruz encontrou 150 crianças abandonadas ou sem família. O colégio era uma espécie de seminário menor, embora no fim dos estudos secundários os estudantes tivessem liberdade para escolher entre ingressar no seminário maior ou fazer outros estudos. Para além das tarefas normais de um diretor de colégio, o Padre Cruz estava muito atento à educação religiosa das crianças, tendo conversas particulares com elas em que lhes dava bons conselhos sobre a sua formação académica e espiritual, incutindo-lhes o horror ao pecado. Mas o que

Primeiros passos

mais impressionava os rapazes era a coerência perfeita entre o que o Padre Cruz pregava e o que ele vivia. O Padre Cruz começava o dia dos rapazes falando-lhes de uma passagem do Evangelho durante um quarto de hora. À noite, despedia-se deles falando-lhes do santo venerado no dia seguinte. Não havendo, falava de um santo da sua devoção; muitas vezes, santos da Companhia de Jesus.

Índice

<i>Introdução</i>	5
1. Primeiros passos	7
2. O Padre «santo»	15
3. Uma peregrinação a Roma	23
4. A República	31
5. O «santo» Padre Cruz	41
6. O Padre Cruz, devoto de Nossa Senhora	49
7. Doentes e desamparados	59
8. Padre Cruz para todos	67
9. O Padre Cruz, sacerdote	75
10. A ida do Padre Cruz para o Céu	85